

ARTHUR ROCHA

# UMA SCENA DO FUTURO

A JOSÉ ANTONIO DE PASSOS JUNIOR



PORTO ALEGRE

Typographia do *Jornal do Commercio*

1884



JOÃO MOREIRA

## UMA SCENA DO FUTURO

Foi um sonho que eu tive... Horrivel sonho  
Phantastico, medonho !  
Tremo ainda ao lembrar a triste scena  
Que, a dormir e a soffrer presenci...  
Corre-me incerta, no papel, a penna  
Ao ter de referir o que eu sonhei !

Força é que eu falle,  
Que conte ao mundo essa pungente historia  
A qual nenhuma outra acaso iguale,  
Per mais que a busque a universal memoria !



Theatro — era o Brazil... Vasto scenario  
De altos feitos em guerras e na paz;  
Actores — um soldado, um argentario,  
Uma mulher escrava... e ninguem mais.  
E' tragica esta historia... Ouvindo-a bem  
Ides tremer... e reflectir depois.  
A acção se passa n'uma estancia, em  
Mil oitocentos e ~~noventa~~ e dois.

~~noventa~~ (não, noventa!)

— Silencio !

A noite cahia  
Pesada, lugubre, escura,  
E das trevas na espessura  
Nem céo, nem terra se via.  
E, emtanto, ao longo da estrada,  
Sempre que o céo fusilava,  
Se percebia um soldado  
Que, apressado,  
Caminhava.

De vez em quando, ruído  
Estranho ao longe se ouvia...  
Ruído que prenuncia  
Da tempestade o furor.  
E o soldado, em seu caminho,  
Nem os passos moderava ;  
Ao contrario : até marchava  
Cada vez com mais ardor !

Pelas mattas contornantes  
De medo as fêras rugiam,  
No céo, em curvas brilhantes,  
Os relampagos luziam.  
A custo se respi ava  
N'aquelle pumbleo ambiente...

E o soldado caminhava,  
Caminhava sempre em frente !

Em fundas scismas absorto,  
Pensativo e preocupado,  
Marchava o pobre soldado  
Como o phantasma de um morto.  
Marchando assim, parecia  
De um sonho horrivel -- a presa,  
E em torno de si não via  
As furias da Natureza !

Porque marchava o soldado  
Assim, de noite e sosinho,  
Sempre no mesmo caminho,  
Sempre soturno e apressado ?  
Que estranha missão, que encargo,  
A cumprir acaso iria,  
Naquelle passo tão largo  
E attitude tão sombria ?...

- Ninguem poderá dizel-o...
- Fundo mysterio cercava
- O homem que caminhava  
Como um triste pesadelo !



E o soldado, tristemente,  
Caminhava sempre em frente!

## II

Já nas dobras do Oriente  
Da aurora a luz apparece,  
Até nem mesmo parece  
Ter havido temporal.  
Aos effeitos da bonança  
Todos os seres se agitam,  
E os passarinhos volitam  
No florido laranjaí.

Chega o soldado á porteira  
De uma casa grande e rica...  
Chega... pára... pensa e fica  
Como que á espera de alguém.  
→ Eis apparece uma escrava,  
Bella ainda, mas sem brilho.  
→ Que, ao vel-o, exclama: -- *Meu filho!*  
E elle lhe diz -- *Minha mãe!*

Abraçam-se os dois, e logo  
Lhe diz commovida a escrava,  
Que bem longe della estava  
Encontral-o então alli.  
— Quando è que chegaste? -- Agora.  
— E d'onde vens! -- Da cidade.

— Então, essa tempestade  
Apanhaste?... -- Não senti.

— Meu/aico filho! e p'ra ver-me  
Tanto perigo arrostaste?!...  
— Não, minha mãe, te enganaste.  
Não foi p'ra isso que eu vim.  
Espantada da resposta  
Disse a mãe -- O' pai celeste!  
Se p'ra isso não vieste,  
Que queres, então, de mim?

— De ti, ó mãe, nada quero,  
Ou antes -- o que eu queira  
Era -- ver se te não via,  
Era -- entrar sem te fallar.  
— Que dizes?!... Tens, porventura  
Vergonha de mim?... --- Suspende.  
Essa suspeita me offende:  
Nunca deixei de te amar.

— E's escrava ainda, é certo,  
Eu --- soldado brasileiro,  
Tu --- gemes no captiveiro,  
Eu --- á patria a vida dei.  
Nossos destinos cruentos  
Entre si mesmos se atam:  
Em nome da lei te matam,  
Eu mato em nome da lei!

— Vergonha de ti!?... Acaso  
E' culpa tua, se a sorte



Deu-te a vida e deu-te a morte,  
Deu-te a luz e a escuridão ?!...  
E' culpa tua se existe  
Leí que em plena sociedade,  
Aos *filhos* dá liberdade,  
Deixa as *mães* na escravidão ?!

— De ti vergonha não tenho...  
E' minha mãe... isso basta,  
E adoro todo o que arrasta  
Do captiveiro o grilhão.  
O que me envergonha e abate,  
O que me rebaixa e aterra,  
E' ser filho de uma terra  
Em que medra a escravidão !

...Assim fallou, caloroso,  
O pobre e humilde soldado,  
Que em soluços suffocado  
A' mãe chorosa abraçou.

E diante desta scena  
O sol, que no azul brilhava,  
Como quem se envergonhava  
Tambem a face velou !...

— A cumprir o meu encargo  
Deixa, ó mãe, que eu vá.

Dizendo  
Foi della se desprendendo  
E á casa se dirigio.

E a mãe, enxugando os olhos,  
Ali ficou, commovida...  
Nem sentio a despedida,  
Nem mais palavras ouviu !

## III

— 'Stá preso, senhor, dizia  
Ao fazendeiro o soldado,  
Encontrando-o descuidado  
No terreiro a passeiar.  
— Preso ! Porque ? -- Ignoro.  
Sabel-o-á na cidade.  
— Gracejas. -- Digo a verdade.  
— Tal não posso acreditar.

— acredite ; um tal gracejo  
Seria uma needade.  
Não brinco co'a liberdade  
E a vida do cidadão !  
— E então és tu que a prender-me  
Te propões só, sem cuidado ?!...  
--- Meu senhor, eu sou soldado,  
Cumpro as ordens que me dão.

--- Sabido que venho sempre  
Ver minha mãe, que aqui vive.  
Ordem expressa hontem tive  
Para vir prendel-o aqui.  
P'ra não despertar suspeitas  
Nem mesmo escolta me dêram.



Tudo quanto me disseram  
Foi que o prendesse... E prendi !

— Tu, que escravo meu devias  
Ser agora, se tão franco  
Não fosse o tal Rio Branco,  
Que o ventre livre tornou ?...  
Tens coragem, miseravel,  
De prender traiçoeiramente  
Aquelle a quem um demente  
Dos teus serviços privou ?!

— Não fiz a lei. Ao contrario,  
D'ella sou --- triste producto,  
Se é bom ou máo esse fructo,  
Foi ella que assim o fez.  
Não vim discutir, nem fique  
De ouvir-me fallar --- surpreso :  
'Stá preso, senhor, 'stá preso,  
Digo, por ultima vez.

— Pensas, pois, que será facil  
Levar-me d'aqui ? --- Eu creio.  
— De que eu resista, receio  
--- Não tens, acaso, vilão ?...  
— Não tenho. Estou resolvido,  
É cousa já decidida :  
Ou perco aqui mesmo a vida,  
Ou cumpro a minha missão.

— Se eu chamar os meus escravos ?  
Se eu tentar minha defesa ?

Que dizes tu dessa empreza ?  
Que dizes tu dessa acção ?  
— Será esse mais um crime  
Que o seu character retrate;  
Não é muito que me mate  
Quem já matou seu irmão !

— Atrevido ! --- disse o velho.  
Em raiva e furias acceso ;  
--- O que dizes ? --- Está preso !  
--- Preso !.. Preso ?!.., Preso ! Quem ?...  
Vaes ver se está preso um homem  
Que póde chamar soccorro...  
--- Chame, embora. Sei que morro ;  
Mas hei de matar tambem.

E, dizendo-o, já da cinta  
A pistola desatilha,  
Aponta ao velho, engatilha,  
Como disposto a atirar.  
E diz : --- Não chame os escravos.  
Quem tão máo senhor tem sido  
Não póde ser defendido  
Pelos que o devem matar.

De medo possue-se o velho,  
Da verdade se convence,  
Vê que não mais se pertence,  
Que não póde resistir ;  
Banhado em frios suores  
Nem já injurias vomita,  
Não ameaça, não grita,  
Não pensa mesmo em fugir.



--- Tens razão. Estou perdido !  
 A' força nada consigo,  
 Mais vale ser teu amigo  
 Do que contigo luctar.  
 Sou rico, e a minha fortuna  
 Reparto entre nós, os dois,  
 Fugimos juntos depois,  
 E a vida iremos gozar.

--- Sou pobre, senhor, é certo,  
 E quizera ter dinheiro  
 P'ra livrar do captivo  
 Minha mãe, meu doce bem...  
 Mas é nobre, honroso e santo,  
 O meu dever de soldado.  
 Morrerei desesperado,  
 Nas não me vendo a ninguém !

Ouvindo-o fallar na mãe,  
 Do velho a cara felina,  
 Por instantes se illumina  
 Com um sorriso infernal.  
 Por seus olhos passa um raio  
 De odio, raiva, esperança...  
 Premedita uma vingança ?  
 Ou combina um novo mal ?

--- Não queres ceder, --- replica,  
 Pois bem, 'tou preso, confesso...  
 Porém antes só te peço  
 Um pequenino favor.  
 --- Que deseja ? --- Muito pouco...  
 Eu, antes de acompanhar-te,

Desejava aqui, de parte,  
 Conversar com o meu feitor.

Responde o soldado : --- Seja.  
 E em pouco o feitor chegava.  
 Com seu amo conversava  
 E sahia. --- Pompto estou.  
 Poderemos partir, desde  
 Que me accompanhes primeiro  
 A ir buscar um dinheiro  
 De que careço. --- Sim, vou.

E os dois entraram na casa  
 Cuja porta aberta estava,  
 Enquanto o feitor tratava  
 De os escravos dispersar.  
 E quando, alfim, o soldado  
 Co'a sua presa sahia,  
 Ao tronco amarrada via  
 Sua mãe a soluçar.

## IV

--- Que é isto ?!... pergunta o filho  
 De atroz surpresa pungido,  
 No fundo d'alma ferido  
 Por duro golpe da sorte.  
 --- Nada, --- diz o velho rindo  
 Da scena que vendo estava,  
 Eu sou senhor, ella escrava ;  
 Vou á cadeia, ella á morte !



Não procures defendel-a,  
 Nem procures atacar-me,  
 Só tens de livre deixar-me  
 Se quizeres que ella viva,  
 Póde ser negocio este  
 De fazer com igualdade :  
 Tu me dás a liberdade,  
 Dou-te a vida da captiva.

--- Graceja, senhor ? Que culpa  
 Tem minha mãe do que eu faço ?!...  
 --- D'aqui não dou nem um passo,  
 Sem a ver morta, no chão.  
 --- Se tal crime praticasse  
 Suas culpas augmentava...  
 --- Que tem que mate uma escrava  
 Quem já matou seu irmão ?

--- Nada mais tenho a dizer-te...  
 De ti somente depende  
 Aquella vida que pende  
 De um signal que hei de fazer.  
 Se em paz me deixas, a vida  
 De tua mãe já resgatas ;  
 Se me prendes e maltratas,  
 Verás tua mãe morrer !

Era horrivel esse transe,  
 Dolorosa a alternativa,  
 P'ra que a mãe ficasse viva,  
 O filho a honra perdia.  
 E o pobre e honesto soldado,  
 Filho da misera escrava,

A si mesmo perguntava  
 Se estava morto ou vivia.

Por fim, empunha a pistola  
 E diz, altivo, exaltado :  
 --- Nem perde a honra o soldado,  
 Nem perde o amor maternal !  
 Sem honra viver não devo,  
 Sem mãe não tolero a vida...  
 Adeus p'ra sempre, querida !  
 Adeus p'ra sempre, chacal !...

Nesse momento, da arma  
 Ouvio-se o rouco estampido,  
 E o soldado, já cahido  
 De sangue n'um rubro trilha.  
 Emquanto, louca, perdida  
 De dor e de angustia, a escrava  
 Ao proprio senhor gritava :  
 --- Desgraçado !... Era teu filho !!...

Eis o sonho que eu tive. . Horrivel sonho  
 Phantastico, medonho,  
 Que ainda agora me apavora e aterra.



Toda esta historia uma lição encerra :

Para evitar do sonho a triste acção.  
Acabai desde já co'a escravidão !

Rio Grande, 27 de Agosto de 1884

*Ab. Rocha.*